

Intermedialidade na instapoesia de Daniel Minchoni

Roberta Santos Miranda¹
Marlúcia Mendes da Rocha²

Resumo: A evolução dos meios tecnológicos trouxe inovações estéticas à criação literária, a exemplo da poesia, que possui como alternativa de concepção absorver características da linguagem digital. Essa convergência entre linguagens tem modificado as instâncias de produção de textos, e a poesia encontra na rede social *Instagram* um campo propício para criação e veiculação, tornando-se uma vitrine que difunde e inspira trabalhos de artistas de diversas gerações. Conhecidos como “Instapoetas”, escritores como Daniel Minchoni (@danielminchoni) produzem conteúdo literário nesse espaço cultural, virtual e plural para expor e criar poesia digital a partir das ferramentas disponibilizadas pelo aplicativo. Para compreender essa relação entre a palavra e a imagem da palavra, o processo de transformação midiática, no qual o elemento visual se funde com a palavra, os estudos sobre Intermedialidade, de Lars Elleström e Claus Clüver bem como sobre a Literatura e outras linguagens, de Beth Brait e Lúcia Santaella, fundamentam esta pesquisa.

Palavras-chave: Intermedialidade; Convergência; Poesia Digital; Instapoesia.

Introdução

O texto impresso do século XV ao XIX destacou-se como forma de difusão do saber e da cultura, no entanto, no século XX, sofreu grandes transformações com a popularização das imagens digitais. Com o surgimento da digitalização, os textos são absorvidos para as telas dos computadores e celulares, criando perspectivas hipermediáticas, por meio da justaposição de textos, sons e imagens.

Contudo, vale ressaltar que na poesia, o Movimento denominado Concretismo foi o precursor dessa experimentação no Brasil, ao ser concebida na década de 1950 como criador de uma linguagem ‘verbivocovisual’, para designar o aspecto material de sua construção poética. Como proposta pelos poetas Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari (1987), a poesia concreta pôs em discussão sua visualidade, juntamente com a criação

¹ Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Mestra em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Especialista em Audiovisual pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Bacharel em Comunicação Social – Rádio e TV pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9509-2478>. E-mail: rsmuesc@yahoo.com.br.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestra em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo. Graduada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9509-2478>. E-mail: malu.mm@gmail.com.

de poemas que trouxeram diagramas de som e de sentido multiplamente direcionados, bem como formas desenhando significados, enfatizando a materialidade plástica e sonora dos vocábulos. Assim, a palavra, essência da poesia, negocia com a imagem e os grafismos da letra e da palavra manuscrita ou manipulada sonora e graficamente, interferindo neles para a produção da poesia concreta, que inspira diversas produções poéticas nos meios eletrônicos e digitais contemporâneos.

Com a evolução dos meios tecnológicos, em alguns casos, trouxe inovações estéticas à criação literária, a exemplo da poesia, que possui como alternativa de concepção absorver características da linguagem digital. O poeta sintonizado com a tecnologia do seu tempo, encontra na rede social *Instagram* um campo propício para criação e veiculação, tornando-se uma vitrine que difunde e inspira trabalhos de artistas de diversas gerações.

Em 2010, foi criado o aplicativo para celular chamado *Instagram*, uma rede social que logo tornou-se uma das maiores no mundo em números de usuários, considerada hoje como a terceira rede social mais utilizada no Brasil, em 2022, com 122 milhões de usuários, de acordo com o relatório da *We Are Social* e da *Hootsuite*³. O objetivo inicial do aplicativo era apenas o compartilhamento de fotos cotidianas, mas logo adaptou-se às demandas dos navegadores e incorporou diversas funcionalidades de criação e produção de imagens, tanto estáticas como em movimento. A rede se popularizou entre diversos nichos, dentre eles o dos poetas digitais, que perceberam o *Instagram* como um espaço potencial para criação, produção e expansão da arte das palavras.

Para tanto, nesta pesquisa temos como referência o trabalho desenvolvido pelo poeta Daniel Minchoni (@danielminchoni). Minchoni é um poeta digital performático, que também produz poesia, dentre outras possibilidades de criações artísticas, a partir das ferramentas disponibilizadas pelo aplicativo, como experimentos gráficos interativos. Alcançados e conhecidos popularmente como “Instapoetas”, tais escritores utilizam as redes sociais, notadamente o *Instagram*, para gerar conteúdo literário.

Nesse contexto, ao analisar sobre como a poesia é mediada, uma das questões que se apresentam, além das tipografias e imagens dos textos intermediários, é a de como as transcrições visuais possibilitam relacionar diferentes textos, seus pontos de confluência e suas

³ *We Are Social* e *Hootsuite* – *We Are Social* é uma agência criativa global e *Hootsuite* é uma ferramenta de gerenciamento de mídia social. Pesquisa disponível em: <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2023-visao-geral-global-resumo-e-relatorio-completo>. Acesso em: 10 abr. 2023.

formas de interação. Assim, este artigo tem o intuito de compreender a “instapoesia” como espaço de experimentação artística, bem como refletir sobre as possibilidades criativas que o processo midiático permite, de outras escritas da poesia.

Para embasar essa convergência entre a poesia e o digital, as análises que serão descritas resumidamente a seguir, abordam campos de saber afins, mas de áreas distintas como a linguística, intermedialidade, semiótica e, por fim, poetas e críticos.

Poesia digital e Intermidialidade

Ao longo da história, o uso das imagens foi fundamental para a comunicação humana. A escrita começou como um modo de usar imagens para comunicar o discurso, dos primeiros desenhos nas paredes das cavernas, passando pela escrita em placas de argila, até chegar às revoluções técnicas da imprensa, radiodifusão e *internet*, cuja experiência de combinação de mídias vem se tornando mais intensa. Cada nova tecnologia cria novos formatos de mídia que, ao mesmo tempo, acrescentam e modificam os antecessores. Cada novo tipo de mídia acarreta suas próprias oportunidades criativas, a exemplo da poesia, “que se serve dos recursos eletrônico-digitais para ambientar a palavra no contexto potencial da sua verbo-voco-motivisualidade” (ANTÔNIO, 2010, p. 28).

Brait (2015, p.41) discute a transformação que ocorre na literatura, por conta do desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação de massa e aponta que se está assistindo a um recuo da edição tradicional, relacionada ao livro. A criatividade das relações com a linguagem torna a literatura um lugar estratégico para possibilidades que, segundo a autora, é de “exploração da língua, [...] de mobilização de palavras e estruturas linguísticas, apontando para inúmeros fins, para diferentes propósitos”.

Para Leão (*apud* BRAIT, 2015, p. 220), o conceito de poema não está atrelado necessariamente a versos, ritmos e rima, mas à ideia de poesia como “a capacidade de iluminar a linguagem de todos os dias, aprofundando-lhe os significados, tornando-os, de tal modo, memoráveis que eles nunca mais consigam separar-se do modo por que foram ditos”. Clüver (2012, p. 155) argumenta que diante das várias formas de “poesia em novas mídias”, o conceito de “poesia” envolvido nessa prática expande “a convenção de se considerar ‘poesia’ todas as

formas de manipulação e experimentação da mídia verbal e suas representações escritas e auditivas, datadas do início do século XX e rotuladas, respectivamente, de poesia visual, concreta ou sonora”.

Santaella e Nöth (2012) corroboram as ponderações dos autores ao afirmarem que o código hegemônico, deste século, não está nem na imagem, nem na palavra oral ou escrita, mas nas suas interfaces, sobreposições e intercursos, ou seja, naquilo que sempre foi domínio da poesia. A poesia digital vem desse desenvolvimento contínuo da linguagem poética, permeada de possibilidades por meio das tecnologias computacionais. Para Machado (2007, p. 10), cada época da humanidade está condicionada ao uso da sua tecnologia e, se toda arte é feita através dos meios do seu tempo, “a arte eletrônica representa a expressão mais avançada da criação artística atual, aquela que exprime sensibilidades e saberes do homem da virada do terceiro milênio”, projetando a poesia num “universo interdisciplinar, plástico e múltiplo, sincronizado com as novas tecnologias (visual, gráfica, musical) do mundo moderno” (CAMPOS *apud* SANTAELLA, 2007, p. 342). Antônio (2010) confirma esse pensamento ao proferir que as poesias digitais:

[...] representam um elo cultural entre as poesias oral, verbal e visual, no sentido que os termos têm sido usados nas mais diferentes manifestações literárias, indicando um certo encadeamento e continuidade histórico-culturais: a poesia digital é a mais recente manifestação poética, um produto que concilia a arte da palavra e a tecnologia contemporânea. (ANTÔNIO, 2010, p. 4).

Sendo assim, a poesia digital surge da combinação entre a prática artística (experimentações criativas dos signos verbais, sonoros e imagéticos), e a realização desta prática conjugada a outro código, o digital (com suas estruturas complexas de programação). É importante destacar que a poesia digital existe no espaço simbólico do computador (internet e rede), tendo como forma de comunicação poética os meios eletrônicos digitais que se veiculam a esses componentes, a exemplo do aplicativo de rede social *Instagram*.

Por conseguinte, Jenkins (2009, p. 29) aponta para a “cultura da convergência”, termo criado pelo autor para definir o momento em que, por meio da *internet*, “velhas e novas mídias colidem” e “fluxo de conteúdos convergem através de múltiplas plataformas midiáticas”. Para o autor, “convergência” define uma série de transformações, dentre elas as tecnológicas,

mercadológicas, culturais e sociais, entretanto ressalta que a convergência não deve ser compreendida somente como:

[...] um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural. [...] A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores individuais e em suas interações sociais com os outros. (JENKINS, 2009, p. 30).

Bicudo (2004) dialoga com Jenkins ao considerar que:

Cada mídia tem suas peculiaridades, que são ressignificadas a cada aparecimento de um novo meio de comunicação. Com o digital, ainda, abrem-se as possibilidades das combinações hipermediáticas. A discussão se dá na análise crítica da linguagem, sua história e interrelações: a oralidade, o som, a memória, os diálogos e o teatro, registro e propagação, signos e representações, a pintura, a escrita, a imprensa, a fotografia, o cinema, o vídeo, o computador multimídia e a rede informacional. [...] Processos esses que acabam por determinar a passagem do texto linear para o texto hipermídia. (BICUDO, 2004, p. 101-102).

Para entender melhor essa confluência entre mídias, os estudos da Intermidialidade ampliam o desígnio de suas pesquisas ao inserir o termo “mídias” e não apenas “artes”, como nos estudos Interartes, já que este objetivaria principalmente as interações entre as artes no processo da produção artística (em especial pintura, música, dança, escultura, literatura e arquitetura). Já a área de estudos intermidiáticos também incluiria fatores sociais, tecnológicos e midiáticos, ou seja, a materialidade dos produtos de uma mídia, gerando diversas possibilidades de pesquisa. Müller (2012, p. 82) ressalta esse pensamento ao refletir que “Intermidialidade não é um conceito acadêmico completamente novo, mas uma reação a certas circunstâncias históricas nas humanidades, na paisagem midiática e nas artes”.

A convergência midiática entre linguagens tem modificado as instâncias de produção de textos, como os literários. Para compreender essa relação entre a palavra e a imagem da palavra, os estudos de Lars Elleström (2017) sobre Intermidialidade, consideram a mídia/linguagem em quatro modalidades: a material, a sensorial, a espaçotemporal e a semiótica. Mas, antes, é preciso compreender o que é mídia. O autor destaca que “mídia” é um termo empregado de forma ampla e que:

[...] não há uma definição direta que abrange todas as noções, por isso delimita um conceito aplicável à questão da intermedialidade, dividindo-o em subcategorias que possam abranger inúmeros aspectos, como “mídias básicas”, “mídias qualificadas” e “mídias técnicas”. Para o autor, mídias básicas e qualificadas são “categorias abstratas que nos ajudam a entender como os tipos de mídias são formados por qualidades muito diferentes”, já as mídias técnicas “são recursos muito tangíveis necessários à materialização de instâncias de tipos de mídias”. (ELLESTRÖM, 2017 p. 52).

Elleström (2017, p. 57-58) destaca que as três mídias supracitadas não são três tipos separados de mídia, ao contrário, são três aspectos teóricos complementares. Tomando como exemplo o *corpus* desta pesquisa, a mídia básica (perceptível pelo seu modo de produção, como por exemplo sons, palavras e imagens) seriam as poesias digitais; a mídia qualificada (depende de circunstâncias históricas, culturais, sociais e de características estéticas e comunicativas), seria o aplicativo *Instagram* que, por sua vez vai *mediar* a mídia básica por meio da mídia técnica (representa o tangível, auxilia as duas outras mídias a se materializarem), que neste caso seria o celular smartphone ou a tela do computador. Para ele, uma mídia é um canal, e “há muitas mídias, isto é, modos de mediar informação e entretenimento”.

Definições de mídias que tratem apenas dos aspectos físicos da midialidade, como a proferida por Levy (1999, p. 61), “suporte ou veículo de mensagem” a exemplo do rádio, televisão, cinema ou *internet*, são muito limitadas, Elleström (2017) prefere então enfatizar o encontro crítico do material, do perceptivo e do social. Contudo, seu ponto de partida é através do termo “modalidades das mídias”, fundamento essencial sem o qual a midialidade não pode ser compreendida. Para ele, o termo “modalidade” está relacionado a “modo” e um “modo” é uma forma de ser ou de fazer as coisas. No contexto dos estudos de mídia e da linguística, “multimodalidade”, às vezes, refere-se à combinação de, por exemplo, texto, imagem e som e, outras vezes, à combinação dos sentidos: a audição, a visão, o tato etc. (ELLESTRÖM, 2017, p. 55).

Sousa (2014, p. 92-93) exemplifica a multimodalidade por meio da exploração dos significados que provêm da multimodalidade textual, um recurso para ampliar a significação textual, uma vez que “a integração de diferentes semioses produz novos tipos de textos e textualidades, além de novas possibilidades de significação” como a hipermídia “uma forma de organização textual na qual o hipertexto é um agregador de múltiplas semioses”. Já Clüver (2008, p. 18-20) aponta que Intermidialidade diz respeito não só àquilo que é designado

“amplamente como ‘artes’ (música, literatura, dança, pintura e demais artes plásticas, arquitetura, bem como formas mistas, como ópera, teatro e cinema), mas também às mídias e seus textos”. O autor, defende ainda que “o texto intersemiótico ou intermídia recorre a dois ou mais signos e/ou mídias de uma forma tal que os aspectos visuais e/ou musicais, verbais, cinéticos e performativos dos seus signos se tornam inseparáveis e indissociáveis.” Rajewsky (2012) declara que, em termos gerais, a Intermidialidade:

[...] refere-se às relações entre mídias, às interações e interferências de cunho midiático. Daí dizerem que “intermidialidade” é em primeiro lugar, um termo flexível e genérico, capaz de designar qualquer fenômeno envolvendo mais de uma mídia, ou seja, qualquer fenômeno que – conforme o prefixo *inter* indica – ocorra num espaço entre uma mídia e outra(s). Logo, o cruzamento de fronteiras midiáticas vai constituir uma categoria fundadora da intermidialidade. (RAJEWSKY, 2012, p. 52).

Müller (2012, p. 83) defende que a “‘novidade’ do conceito Intermidialidade residiria, principalmente, em sua capacidade de ser permanentemente reformulado e de reformular campos tradicionais de pesquisa”. O autor destaca ainda que a era digital constitui o maior desafio para a pesquisa intermidiática, pois conduz a novas “estratificações e combinações multimodais de mídias anteriormente separadas em termos de ‘imaterialidade’ unificadora dos códigos digitais” e destaca a importância de se desvendar “como as tradicionais mídias audiovisuais e/ou imagens e sons analógicos imprimiram seus traços nesses mundos digitais” (MÜLLER, 2012, p. 92).

Como vem ocorrendo com as artes em geral desde o início do século XX, a poesia entrega-se, assim, ao prazer da pura exploração do seu próprio material. Para Lemos (2009, p. 30), com as novas mídias digitais, “ampliam-se as possibilidades de consumir, produzir e distribuir informação, fazendo com que esta se exerça e ganhe força a partir da mobilidade física”. Desta forma, a poesia passa a ter lugar nos meios eletrônicos, se reproduz em cores, movimentos, textos, sons, é animada e vista nos monitores de aparelhos como a televisão, sala de projeções, os painéis luminosos, computadores e *smartphones*. É o que ocorre na ‘instapoesia’ do poeta digital contemporâneo, Daniel Minchoni.

A “Instapoesia” de Daniel Minchoni

A ‘instapoesia’ tem sido abordada pela mídia como um gênero emergente, um fenômeno literário contemporâneo. Poucos são ainda os estudos teóricos sobre essa experimentação poética na rede social *Instagram*. Contudo, é possível observar de forma geral que os denominados instapoetas ressignificam a poesia por meio da linguagem da *internet* e das perspectivas técnicas que o próprio aplicativo oferece. Características como versos livres e minimalismo são algumas das possibilidades que permeiam essa escrita, visto que precisam ser adaptadas a uma leitura rápida na pausa da tela do celular.

Um exemplo de instapoeta que se destaca na rede com mais de 30 mil seguidores é Augusto de Campos, um dos fundadores da poesia concreta brasileira, fase literária permeada pela materialidade da palavra. Hoje, aos 92 anos (sendo 72 dedicados à literatura), produz conteúdo poético inédito em sua página na rede social *Instagram* (@poetamenos), desde março de 2018. Outros poetas, como o Daniel Minchoni (@danielminchoni), também fazem uso dessa rede social, predominantemente imagética, para criar e explorar de forma engenhosa a poesia digital.

Minchoni é paulista, poeta-palhaço, experimentador da palavra. Conhecido na cena de sarau e da poesia contemporânea em que atua desde 1998 em Natal (RN), onde fundou junto com amigos o selo de literatura e editora *Jovens Escribas*, em 2004, e o *sarau Poesia Esporte Clube*, em 2001. Artista de vanguarda criou eventos de poesia em São Paulo, tais como: "O menor Slam do Mundo", "O sarau do burro", "Rachão poético", "Cabaré revoltaire" e "A peça Literatura Ostentação". Também é artista de rua e seus grafites povoam a cidade com seu personagem, o Sola e a comédia da vida seca e, em 2022, lançou o livro *PHALA'CIA*, com poemas visuais e gráficos, alguns deles publicados inicialmente no *Instagram*.

Em um dos vídeos ⁴ publicados na sua rede, Minchoni se apresenta em avatar animado graficamente e conta que durante a quarentena da pandemia do vírus Covid-19, precisou se reinventar e transpôs seu corpo de performance, seu estado de presença para o computador, a partir daí começou a performar com o celular. O poeta é assíduo em suas redes e sempre a

⁴ Fonte: *Instagram* @danielminchoni https://www.instagram.com/p/CtkPlc4rc-4/?img_index=1. Acesso em: 12 jul. 2023.

atualiza com novas experimentações poéticas. Sua rede social no *Instagram* é apenas uma das que são utilizadas para divulgação e curadoria do seu trabalho.

O *Instagram* possui vários recursos para publicação de imagens: *Feed*, uma espécie de antologia do digital, as publicações são expostas de forma fixa em ordem cronológica de postagem (Minchoni possui quase 5 mil publicações, a maioria relacionada à poesia). Já o *Reels* é uma categoria específica para publicação de vídeos curtos e os *Stories*, cujas postagens ficam somente 24h no ar, geralmente é utilizado para mostrar os bastidores das produções, entretanto, há uma forma de fixar essas publicações, salvando-as em um tipo de galeria chamada “destaques”, que funcionam como pastas que arquivam postagens de forma pública, além de poderem ser encontradas de forma mais rápida.

A categoria “destaques” no perfil de Minchoni possui uma miscelânea de produções. Escolhemos duas poesias para a análise por possuírem uma particularidade da poesia digital: só existem nesse meio e só se expressam, em sua plenitude, por meio dele. “Ex-poema” (Figura 1) e “Palíndromo” (Figura 2) para serem lidos, necessitam do toque, da interação do receptor com o celular para terem sentido.

Na criação destes poemas, o artista escolheu utilizar imagens em positivo-negativo e vice-versa. Ambos se desenvolvem e se movimentam a partir do clique na tela do celular, como um *flipbook*⁵, mas digital. Os quadros das poesias também se assemelham aos *frames* do audiovisual e lembram a técnica de animação *stop-motion*⁶, que consiste em colocar fotografias em sequência, de forma a fazer com que o cérebro crie a ilusão de movimento devido às diferenças de posição dos objetos.

⁵ Pequenos livros que quando folheados rapidamente com o polegar, criam um curto desenho animado.

⁶ Trad. - “movimento parado”, técnica que consiste em tirar diversas fotos de objetos inanimados (como bonecos de massinha, por exemplo) e colocá-las em sequência.

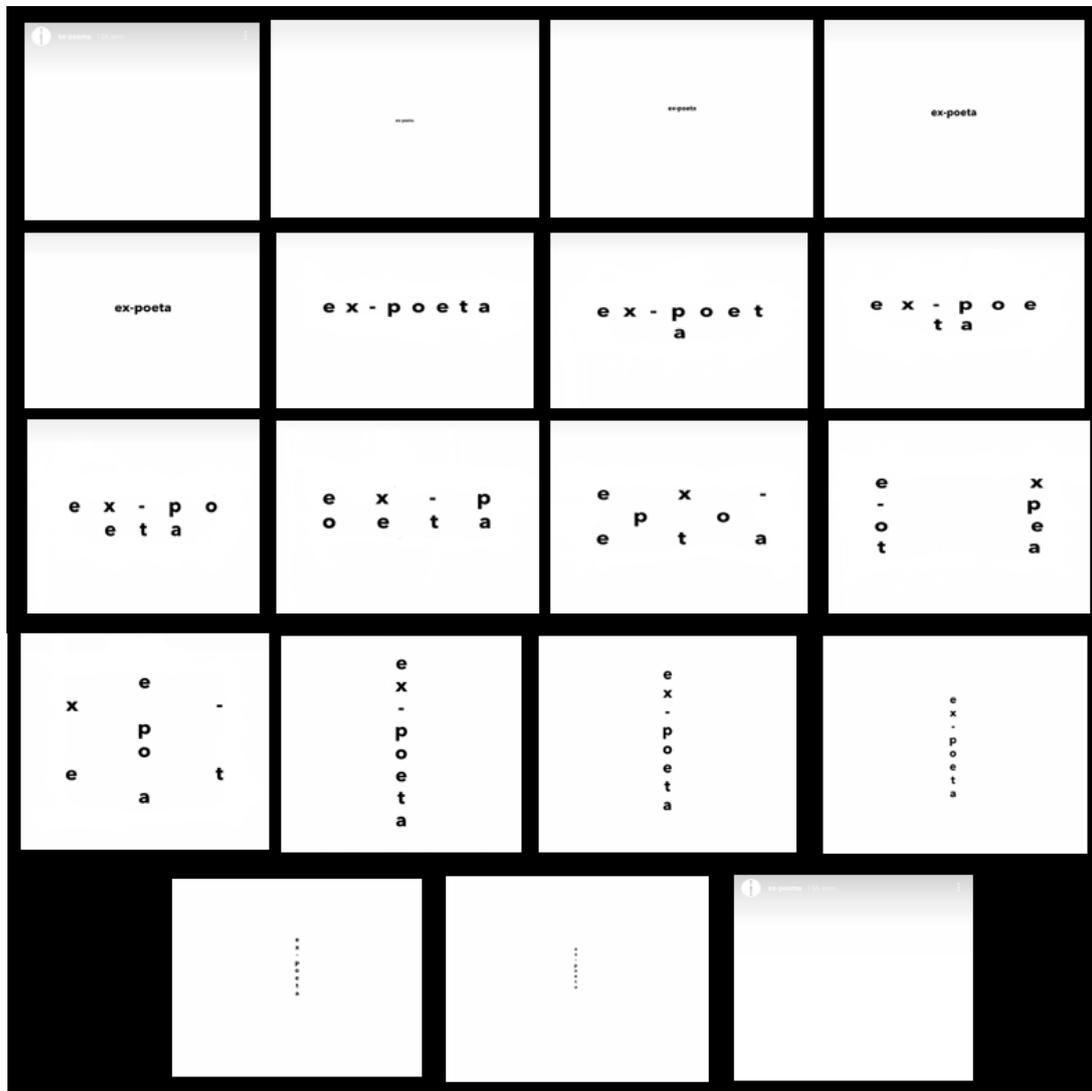


Fig 1 Ex-poema. Fonte: Montagem da autora a partir de prints do *Instagram* (@danielminchoni). Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17879379001726662/>. Acesso em: 30 out. 2022.

Para idealização do “Ex-poema”, foram criadas dezenove telas. A primeira imagem seria como uma folha em branco, e ao passar dos cliques, surge a palavra “ex-poeta” de forma gradativa e na horizontal, e ao se revelar legivelmente, em seguida embaralham-se as letras, voltando posteriormente à composição da palavra, desta vez na vertical, até sumir por completo em uma tela em branco, como no início. Vale ressaltar que este poema também foi postado posteriormente no *feed*⁷ do *Instagram*, entretanto sofreu alterações para se adaptar às

⁷ Fonte: *Instagram* @danielminchoni. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CCujwgMnrSH/?img_index=1. Acesso em: 30 out. 2022.

características desta seção, que possui espaço para apenas dez imagens, além da alteração da forma de interação motora do leitor, que no *stories* precisa clicar para acessar a imagem seguinte. No *feed* é necessário deslizar a tela para contemplar o carrossel de imagens, ou seja, a poesia em questão é uma referência intermediática dentro do mesmo suporte, são essas “diferenças materiais, sensoriais, espaço-temporais e semióticas entre a mídia fonte e a mídia destino que permitem alterações inventivas que tornam os produtos de mídia novas criações” (ELLESTRÖM, 2017, p. 239).

Em “Palíndromo”⁸ a palavra “asas” agrupa-se em duas linhas, de forma que fiquem duas letras em cima e duas embaixo, unidas, como se formassem uma borboleta. Foram necessárias dez telas (dez imagens) para que a palavra ganhasse movimento, como o voo de um bumerangue, que vai e volta de onde partiu. Por vezes, a palavra-imagem é cortada como se escapasse do enquadramento da tela, não se limitando às dimensões gráficas de 1.080 por 1.920 *pixels* dos *stories* em tela cheia, então ela rodopia, fica de cabeça para baixo e ganha asas. A criação poética, permite se apropriar dos meios digitais para a “formulação de novas práticas criativas, de novas linguagens híbridas que articulam no seu código de programação a possibilidade de integração e convergência [...]” (TORRES, 2004, p. 18).

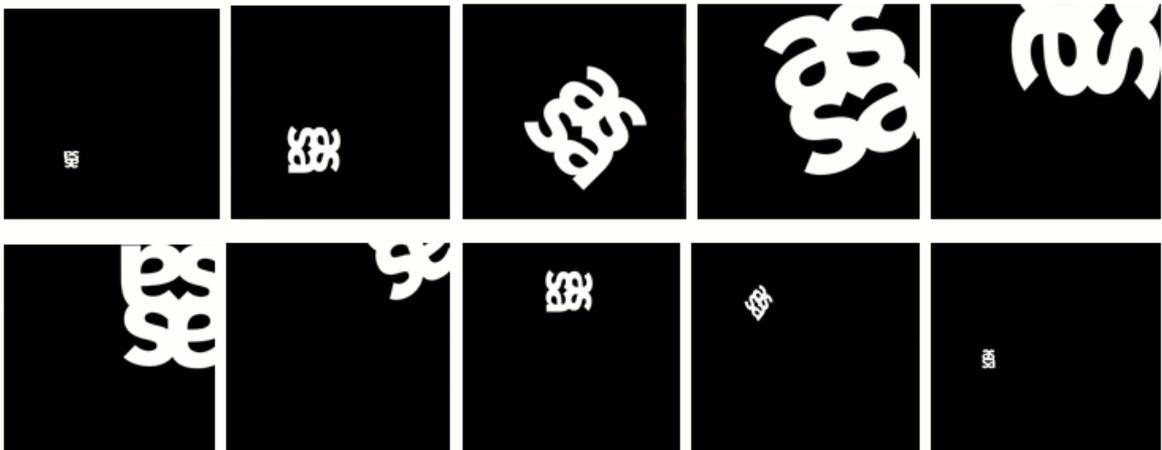


Fig 2 Palíndromo. Fonte: Montagem da autora a partir de prints do *Instagram* (@danielminchoni). Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17893531903566257/>. Acesso em: 30 out. 2022.

Levando-se em consideração a interatividade como elemento importante na composição da poesia, já que para serem acessados é necessária a presença de um usuário, Santaella (2007,

⁸ Frase ou palavra que se pode ler, indiferentemente, da esquerda para direita ou vice-versa.

p. 294) relembra que o princípio da hipermídia também se instala no cerne da linguagem: sons, palavras e imagens que antes, “só podiam coexistir, passam a se co-engendrar em estruturas fluidas, cartografias líquidas para a navegação com as quais os usuários aprendem a interagir, por meio de ações participativas”. A autora considera que um dos traços característicos da hipermídia é a hibridização de linguagens, ao mesclar textos, imagens fixas e animadas, vídeos, sons, ruídos.

Desta forma, vale ressaltar que a poesia também possui a habilidade de ser interativa e empregar-se em multimeios, ambiente que gera a poesia digital e com ela uma infinidade de significantes. Dentre suas propriedades, a poesia digital se reproduz em cores, em movimentos, deixando o mundo da rigidez ao entrar em uma “textualidade mais múltipla, variável e vibrante”. Santaella (2007, p. 337) também determina como qualidades da poesia digital, a “intermedialidade, a hibridização, a interatividade, a permutabilidade e a cinética”, entretanto Müller (2012, p. 92) destaca que a era digital constitui o maior desafio para a pesquisa intermediária, pois conduz a novas “estratificações e combinações multimodais de mídias anteriormente separadas em termos de ‘imaterialidade’ unificadora dos códigos digitais” e destaca a importância de se desvendar “como as tradicionais mídias audiovisuais e/ou imagens e sons analógicos imprimiram seus traços nesses mundos digitais”.

Considerações finais

Ao longo da história humana, todas as vezes que houve modificações na escrita, foram os artistas e os poetas que tomaram a frente na exploração de seus potenciais para a criação, extraindo das novas mídias características inéditas da escritura, tanto na sua aparência quanto no seu sistema de codificação interno (SANTAELLA, 2007). Com a expansão da tecnologia, nas últimas décadas, tornou-se crescente a coexistência de diversas linguagens, como a escrita, o som e a imagem, que passaram a produzir combinações múltiplas. Assim, este artigo propôs-se compreender a poesia digital como espaço de experimentação artística, a intersecção entre o signo verbal e o visual, a partir dos estudos da Intermedialidade.

Essa interatividade equilibra os meios do ciberespaço e da literatura, tendo a palavra como o elemento motivador da criatividade. A ciberliteratura, por exemplo, contraria o

pensamento de alguns autores que acreditavam no fim do livro com os avanços tecnológicos, porém o espaço virtual gerado pela *internet* expandiu o conceito de literatura. O livro hoje pode ser lido impresso ou em formato digital (*e-book*), e levado para qualquer lugar, ao alcance de um *click*, é a chamada ‘era da mobilidade’. Desta forma, a criação poética em meio digital se apropria do potencial dos meios digitais para concepção de novas práticas criativas, que articulam código de programação na palma da mão.

Partindo desse pressuposto, a poesia de Daniel Minchoni disponibilizada na rede social *Instagram* deve ser pensada a partir dos estudos da Intermidialidade, que podem ser permanentemente reformulados, pois trata-se do encontro de mídias antigas com mídias novas, que se desenvolvem constantemente. Contudo, vale frisar que as mídias deixam de ser apenas técnicas e se refazem em seus aspectos básicos e qualificadores.

Portanto, este artigo não tem a intenção de esgotar os estudos sobre a poesia digital, pois o que se constata é a extensão e profundidade que cercam a análise de imagens, considerando o modo de produção de sentido, a forma como estes provocam significações e interpretações. É importante considerar que as perspectivas deste trabalho não são as únicas possíveis, já que para cada poesia há uma carga interpretativa embutida por cada pesquisador.

Referências

- ANTÔNIO, J. *Poesia digital: teoria, história, antologias*. São Paulo: Navegar: FAPESP, 2010. DVD.
- BICUDO, S. Cultura digital e arquitetura da informação. In: LEÃO, L. (org.). *Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 101-108.
- BRAIT, B. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CAMPOS, A. de; CAMPOS, H. de; PIGNATARI, D. *Teoria da Poesia Concreta*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CLÜVER, C. Intermidialidade e Estudos Interartes. In: NITRINI, S.; PEREIRA, et al. (org.) *Literatura, artes e saberes*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2008. p. 209-232.

CLÜVER, C. ‘Arte trântsgênica’: a biopoesia de Eduardo Kac. *In*: DINIZ, T. F. N.; VIEIRA, A. S. (org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea 2*. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012. p. 155-170.

ELLESTRÖM, L. *Midialidade: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2017.

JENKINS, H. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMONS, A. Cultura da Mobilidade. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 40, p. 28-35, 2009.

LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACHADO, A. *Made In Brasil: três décadas do vídeo brasileiro*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

MÜLLER, J. E. Intermedialidade revisitada: algumas reflexões sobre os princípios básicos desse conceito. *In*: DINIZ, T. F. N.; VIEIRA, A. S. (org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012. p. 75-95.

RAJEWSKY, I. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. *In*: DINIZ, T. F. N.; VIEIRA, A. S. (org.). *Intermedialidade e estudos interartes: desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Rona Editora: FALE/UFMG, 2012. v. 2. p. 51-73.

SANTAELLA, L. *Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SOUSA, G. Leitura digital em tela: a hipermodalidade como forma de significação textual. *In*: ASSIS, E. *et al.* (org.). *Humanidade Digitais - Leitura e Tecnologia*. Florianópolis: UFSC, 2014. p. 87-106.

TORRES, R. Criação poética em meio digital. *In*: CRIAÇÃO DIGITAL: prática e reflexão. Santa Catarina: Copiart, 2004. p. 9-18.

Intermediality in Daniel Minchoni's instapoetry

Abstract: The evolution of technological means has brought aesthetic innovations to literary creation, such as poetry, which has as a design alternative to absorb characteristics of digital language. This convergence between languages has modified instances of text production, and poetry finds in the social network Instagram a favorable field for creation and placement, becoming a showcase that disseminates and inspires works by artists from different generations. Known as “Instapoetas”, writers such as Daniel Minchoni (@danielminchoni) produce literary content in this cultural, virtual and plural space to expose and create digital and instagrammable poetry from the tools provided by the application. In order to understand this relationship between the word and the image of the word, the process of media transformation, in which the visual element merges with the word, studies on Intermediality, by Lars Elleström and Claus Clüver, as well as on Literature and other languages, of Beth Brait e Lúcia Santaella, substantiate this research.

Keywords: Intermediality; Convergence; Digital Poetry; Instapoetry.

Recebido em: 10 de abril de 2023.

Aceito em: 28 de julho de 2023.